

Práxis Agroecológica dos Educandos da Licenciatura em Educação do Campo em Campos dos Goytacazes

Aline Quintino Flôr¹, Levi Barbosa do Nascimento², Lilia Marques Gravina³, Manoel da Conceição Ribeiro⁴, Robledo Mendes da Silva⁵.

Resumo

O papel da agroecologia conjugada na Educação Popular foi a receita encontrada, conhecida também como dialogo de saberes, pelos educandos da turma de Licenciatura em Educação do Campo no município de Campos dos Goytacazes, para o aproveitamento concreto de nossas capacidades de ação trans-formadora. Encontrando dentro e fora das salas de aula situações aplicáveis de uma teoria refletidamente critica conseguimos resgatar nosso lugar como educador-educando enaltecendo nosso protagonismo no fenômeno de aprendizado. O reconhecimento dos Movimentos Sociais do Campo como fermento das lutas dos pequenos agricultores, por conquistas de seus direitos, nos possibilitou o desenvolvimento de nossas capacidades intelectuais a serviço da capacidade concreta interferindo positivamente nos processos de Soberania Alimentar, territorial, bem como na tomada de consciência da capacidade política dos

¹ Graduanda em Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza e Matemática com ênfase em Ciências Agrárias, realizado no Instituto Superior de Educação Aldo Muylaert, ISEPAM-FAETEC-RJ.

² Graduando em Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza e Matemática com ênfase em Ciências Agrárias, realizado no Instituto Superior de Educação Aldo Muylaert, ISEPAM-FAETEC-RJ.

³ Docente no Instituto Superior de Educação Aldo Muylaert, ISEPAM-FAETEC-RJ, onde leciona as disciplinas: Produção textual I e II no curso Licenciatura em Educação do Campo; Processos de Aprendizagem da Leitura e da Escrita I e II no curso Pedagogia. Possui Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá, FIJ. Graduada em Licenciatura em Letras Português/Inglês Universidade Federal de Viçosa, UFV. Graduada em Licenciatura em Biologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF.

⁴ Graduando em Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza e Matemática com ênfase em Ciências Agrárias, realizado no Instituto Superior de Educação Aldo Muylaert, ISEPAM-FAETEC-RJ.

⁵ Docente no Instituto Superior de Educação Aldo Muylaert, ISEPAM-FAETEC-RJ, onde leciona as disciplinas: Estado e Políticas Públicas, Desenvolvimento Sustentável e Territórios Rurais, Infância e Juventude do Campo, Ciclos Biogeoquímicos, História da Produção das Ciências Químicas, Físicas e Biológicas no curso Licenciatura em Educação do Campo; Educação Libertária com ênfase em Educação Operária e Camponesa no curso Pedagogia. Docente convidado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, onde leciona as disciplinas: Agricultura Desenvolvimento e Modernização, Educação Libertária com ênfase em Educação Operária, Bioquímica, Sistemas Agroflorestais e Transição Agroecológica no curso Licenciatura em Educação do Campo /UFRRJ; Possui Mestrado em Educação UNIRIO. Graduado em Licenciatura em Ciências Agrícolas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ.

camponeses. Assim, entendemos que tais elementos são relevantes e norteadores na formação de nossa práxis agroecológica.

Palavras-chave: educação do campo, diálogo de saberes, práxis agroecológica.

Introdução

A assimetria de condições de acesso e permanência ao ensino formal levou diversos grupos sociais a reflexões e proposições de políticas públicas, em reforma das instituições educacionais. A demanda existente nas comunidades do campo elevou ao amadurecimento do tema, por parte dos movimentos sociais e demais entidades representativas, para conquista de uma modalidade de educação do campo, e para esse campo.

O curso de LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - Ciências da Natureza e Matemática com ênfase em Ciências Agrárias, realizado no Instituto Superior de Educação Aldo Muylaert (ISEPAM-FAETEC), em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG), foi criado a partir do Programa de Apoio à Formação Superior de Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO). Foi idealizado para atender a demanda na formação de educadores para a docência nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio nas escolas do campo nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática. Constituído de carga horária equivalente a 3.380 horas, o curso foi planejado para ser realizado em quatro anos e/ou oito etapas de curso. Adotando um regime de alternância subdividindo-se em Tempo Instituição ou Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC).

O município de Campos dos Goytacazes, o maior do Norte Fluminense, possui, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2010, 463.731 habitantes, sendo 45.006 rurais. Buscar entender o campo, seus sujeitos, territórios, e contradições, não é uma tarefa simples, pois requer atenção teórica e metodológica coerente a intencionalidade do estudo. Neste sentido, os educandos da turma de licenciatura em educação do campo passaram a apresentar, de maneira progressiva ao longo das disciplinas, questionamentos referentes ao papel social, o seu protagonismo em sua

formação profissional assumindo como forma de libertação da tradição passiva, que conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que eles poderão realmente conhecer. (FREIRE, 1983)

Graças a uma identidade com a Educação Popular, assumida pelos próprios educandos, buscamos evitar os descaminhos do ensino superior que santifica a divisão taylorista do trabalho intelectual, criando muros e não pontes entre as várias especialidades (TRAGTENBERG, 2004). Por isto mesmo é que, nos apaixonamos pelo diálogo de saberes na práxis agroecológica. Adotamos o processo de aprendizagem, como verdadeiro, aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. (FREIRE, 1983)

Não estávamos ali ocupando as cadeiras da educação do campo, para sermos “enchido” por outros de conteúdos cuja inteligência não percebemos; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em nossas raízes, sem que sejamos desafiados a participar ativamente da transformação. As instituições de educação, como parte constituinte-constituída de uma sociedade “meritocrática”, são espaços estruturados autoritariamente e com seus princípios de “ordem” e poder. (TRAGTENBERG, 2004)

O protagonismo não é fruto do ensino superior! Para isto, é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer. (FREIRE, 1983)

E a agroecologia, nos foi descoberta, como ferramenta essencial e complementar às nossas solicitações. Interpretamos como uma “corrente das ciências agrárias”, competente em suas bases e pesquisas dos agroecossistemas existentes. Representada pela atitudes de profissionais que defendem a necessidade de uma Ciência e uma práxis capazes de superar os impasses e danos socioambientais provocados pela Revolução Verde” (PETERSEN, 2009)

Vislumbramos na agroecologia uma formação adequada e sensível à diversidade de demandas do campo, para conquista de um modelo justo de desenvolvimento socioeconômico. Aos camponeses, não temos que persuadí-los para que aceitem a propaganda, que, qualquer que seja seu conteúdo, comercial, ideológico ou técnico, é sempre “domesticadora” (FREIRE, 1983). Os dados recentes publicados pela AGB, Associação dos Geógrafos do Brasil, esclarecem que a população rural de Campos caiu de 142.724 habitantes em 1970 para 45.006 habitantes em 2010, entretanto, entre 2000 e 2010 houve um leve crescimento que, muito provavelmente, está associado à conquista

dos assentamentos pela luta travada pelos movimentos sociais pela terra na região (AGB, 2012).

Buscamos por meio da abordagem crítica dos conteúdos e ementas, reconhecer nosso potencial de intervenção na sociedade. E acreditamos de maneira crítica, após “destilações ideológicas” em meio a “delinquência acadêmica”, encontrar os autores contra-hegemônicos, como Ana Primavesi, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Clodóvis Boff, Clovis Caldeira, Eduardo Sevilla Guzmán, Frei Sérgio Görgen, Guilherme Delgado, Josué de Castro, Leonildes Medeiros, Manuel Correia de Andrade, Manuel González de Molina, Marcos Antonio Pedlowski, Maria de Nazareth Baudel Wanderley, Maurício Tragtenberg, Octavio Ianni, Paulo Freire, Pedro Kropotkin, Raquel Maria Rigotto, Sebastião Pineiro dentre outros, cujas bibliografias nos serviram de inspiração e instrumentalizaram nossa trajetória, em um campo cujos intelectuais nunca se esconderam, por trás de uma “falsa neutralidade da ciência”.

Quem sabe faz a hora...

Já no primeiro Tempo-Escola tivemos como disciplinas Estado e Políticas Públicas do Campo I, Ciclos Biogeoquímicos, e outras onde os educandos cavavam espaço de intervenção na dinâmica. A turma é composta basicamente de duas origens, parte da turma vinda de regiões de reforma agrária e outras de professores de áreas rurais.

Os estudantes constantemente traziam para os debates temas geradores e colaboração extra à ementa. A “mística” foi uma das portas de entrada dos educandos na gestão pedagógica do nosso curso, onde através de simbologias, representações culturais, citações de versos, fomos trabalhando harmoniosamente as diversas potencialidades descobertas no grupo, e construção de uma identidade enquanto coletivo, superando os limites da formalidade fria que certos “ritos” acadêmicos alimentam.

O resgate do simbolismo da canção de Geraldo Vandré - PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES - foi tomado de tamanho entusiasmo que deste momento em diante a turma havia encontrado o seu hino e seu lema: *“Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer”*.

Gradativamente fomos conquistando maior participação nas aulas vencendo a inibição natural, fruto de alguma herança conservadora. Na disciplina sobre os ciclos biogeoquímicos nos envolvemos muito com a vida e a obra de Ana Primavessi, despertando grande influência e admiração por parte da turma. Foi quando decidimos transformar a avaliação em projetos de cartilhas populares sobre a temática “O solo como um organismo vivo”. O resultado desse trabalho concreto nos trouxe uma repercussão positiva.

Em pouco tempo realizamos assembleias de turma com organização de livro ata, e do diagnóstico de elementos a serem desenvolvidos, surgiram a propostas de alguns seminários. O primeiro seminário temático foi “Os Movimentos Sociais do Campo”, trazendo representantes, dos Movimentos Sociais do Campo (Movimento dos Trabalhadores sem Terra-MST, Comissão Pastoral da Terra-CPT, Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA), dos sindicais (Federação dos Trabalhadores na Agricultura-FETAG, Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação-SEPE), o que possibilitou um primeiro contato dos educandos, que não compunham a parcela camponesa da turma e sim de professores. O segundo fez parte do Tempo-Comunidade, sendo dividido em dois momentos o primeiro dia com abordagem internacional, “Campesinato na América Latina”, com mesa composta de um representantes dos trabalhos nas comunas camponesas da Venezuela, e um militante do MPA apresentando o conceito de metamorfose do campesinato e a formação da “Via Campesina”. E o último dia com resgate das experiências pioneiras que originaram o curso de Licenciatura em Educação do Campo na região Norte Fluminense.

A turma participou da apresentação de dois representantes da CPT, um falou da experiência da “Escolinha de Agroecologia”, que há anos reúne para estudos, práticas e trocas entre técnicos e agricultores experimentadores na região. Seguido da explanação, feita por outra representante, sobre o acúmulo histórico do “Coletivo EduCampo”, surgido a partir de 1998, em Campos, um grupo de organizações e trabalhadores que começou a se organizar para debater e refletir sobre o a educação do campo, formou-se o coletivo a fim de acionar e sensibilizar a sociedade e o poder público municipal e estadual para implantar uma política pública de Educação do Campo no município. Resumiu se a trajetória do Coletivo Educampo, vivenciada no período de 1998 a 2012 na luta pela implantação de uma política pública de Educação do Campo. O coletivo é composto por trabalhadores/as rurais Sem Terra, organizações e movimentos sociais, com trajetória na luta pela terra e/ou educação: Comissão Pastoral da Terra, Movimento

dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Comitê Popular de Erradicação do Trabalho Escravo/NF, Sindicato dos Profissionais da Educação e professores da Universidade Estadual do Norte Fluminense.” (ABREU, 2009)

No final de 2012 já no segundo Tempo-Escola um terceiro seminário foi organizado com a seguinte chamada, "Desafios e Perspectivas da Educação do Campo e Movimentos Sociais no Rio de Janeiro". Nele foram discutidas as avaliações de cada educando sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo, e levantamentos das carências e dificuldades vivenciadas durante o curso. Contamos com representantes dos Movimentos Sociais do campo, representantes de outras modalidades de Educação do Campo. Avaliamos que o evento foi bem esclarecido sobre os desafios de uma escola do campo, e o papel do educador para formação de sujeitos críticos que levem os seus conhecimentos para a sua família e comunidade demonstrando o seus verdadeiros valores.

Essas abordagens são de tamanha importância para assumirmos o profissional das agrárias como um educador, que se dá no domínio do humano, envolve um problema filosófico que não pode ser desconhecido nem tampouco minimizado. (FREIRE, 1983)

Para tanto, nosso interesse por autores que trabalharam a práxis pedagógica, e a valorização do nosso exercício concreto de nossos estudos teóricos enriqueceu ainda mais a disciplina “desenvolvimento sustentável e territórios rurais”. Com isso, as visitas de campo e avaliações ganhavam um caráter mais orgânico, pois passamos a elaborar um mapa do município de Campos com os territórios camponeses, porém com técnicas pouco sofisticadas, mas inspirados na “cartografia social”, levantamos os temas e os dados constituintes da conjuntura de assentamentos e acampamentos de reforma agrária com breve resumo descritivo, inspirados em relatórios publicados pelo GT agrário da Associação dos Geógrafos do Brasil-AGB.

Em grupos os educandos, experimentaram a construção de um diagnóstico socioambiental no Assentamento Che Guevara, e estivemos presentes também nas variadas localidades de referências agroecológicas para aprendermos na forma de visitas de intercâmbio. Dentre estas destacamos, as feiras de agricultura familiar e o conjunto de atividades em promoção da Educação do Campo desenvolvidas no CIEP Travessão, que envolve ativamente a comunidade e conta com assistência técnica da EMATER, agentes da CPT e membros da equipe pedagógica.

Estivemos participando da homenagem aos quinze anos do assentamento Zumbí dos Palmares, o maior do Estado do Rio de Janeiro, visitando o lote no qual foi levantado o primeiro acampamento. Entre tantas outras, conhecemos o assentamento Josué de Castro, que com sua extraordinária gestão, conseguiu inclusive um biodigestor que transformará esterco de porco em energia elétrica, alimentando todas as casas dos assentados.

Participamos de algumas assembleias no Acampamento Luis Maranhão, no complexo falido da Usina Cambayba. Em detrimento do acompanhamento de algumas das reuniões de trabalho de base com os núcleos de famílias acampadas nos sentimos motivados em ensaiar uma “Cartilha Mais Acampamento: Formas de Organização Popular por Métodos de Trabalho de Base”, brochura de 22 páginas, em formato A5, contendo modestas sugestões de poesias, textos e imagens. Refletindo o “estado da arte” e registrando nosso momento sociopolítico. O homem, que não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um “ser-em-situação”, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da “práxis”; da ação e da reflexão. Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre êle, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação.” (FREIRE, 1983)

Refletimos muito sobre essas paisagens contrapondo a agricultura familiar em experiências agroecológicas de referência e as áreas degradadas pelo histórico de monocultura da cana-de-açúcar e pastos da lógica exploradora dos recursos naturais de mão de obra.

Uma grande diversidade de agroecossistemas são, pois fruto da intervenção das práticas de agricultura nos ecossistemas. Nas áreas do agronegócio, os agroecossistemas são mais artificializados e geralmente estão degradados. Contudo, em muitos territórios onde existe forte presença da agricultura camponesa, os agroecossistemas são mais biodiversificados, pois produzem alimentos com fartura e diversidade, em harmonia com a natureza, respeitando seus ciclos, recuperando e mantendo elementos coisas que são essenciais para uma agricultura verdadeiramente sustentável, tais como: águas, solos férteis, biodiversidade, riqueza cultural e sabedoria dos povos e comunidades. (MONTEIRO, 2012)

Campos é o maior produtor estadual de cana, com 43,9% da área plantada em todo o estado e 56,3% da produção, em que pese a redução da área plantada e da produção nas últimas décadas, segundo a Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE de 2009. A omissão e morosidade do poder público em fiscalizar as ações desumanas

promovidas por grupos exploradores abre espaço para recordes assustadores de assassinatos políticos relacionados à reforma agrária e de registros de trabalho escravo no Norte Fluminense.

Refletimos em nossos estudos que no interior dessas formas de organização social do trabalho produtivo, inserem-se as relações entre trabalhador e o empresário, ou entre colono, morador, agregado, empregado, camarada, volante, boia-fria, peão, assalariado permanente e temporário, por um lado, e fazendeiro, usineiro, criador, empreiteiro de mão de obra ou gato, por outro lado. Em geral, o estado está presente nessas relações, apesar de que frequentemente aparece como se estivesse por fora ou acima delas.(IANNI, 2004)

A AGB Campos é o município do estado do Rio com maior número de assentamentos rurais (11), famílias assentadas (1.182) e área destinada à reforma agrária no estado do Rio de Janeiro (17.740,43 ha). Destes 11 assentamentos, 2 seriam diretamente atingidos pelo complexo logístico do Açú, o Zumbi dos Palmares, o maior assentamento do estado com 507 famílias e 8.005,29 ha e o Oziel Alves, com 35 famílias e 410,73 ha. Também verifica-se a presença no município de seis comunidades quilombolas (Aleluia/Batatal/Cambucá, Conceição do Imbé, Conselheiro Josino, Lagoa Feia, Morro do Coco e Sossego) que lutam pelo reconhecimento do direito coletivo à terra, sendo que duas fazem parte de um assentamento rural Novo Horizonte, criado nos anos 1980 (Conceição do Imbé e Aleluia/Batatal/Cambucá). E nós podemos verificar ao percorrer cada uma dessas comunidades o descompromisso dos órgãos públicos em cumprirem os serviços de desenvolvimentos registrados nos respectivos PDAs (Planos de Desenvolvimento dos Assentamentos).

Nossa turma aproveitou espaço na disciplina “Seminário II” para debater as diretrizes de um PDA, com o objetivo de proporcionar aos assentamentos da reforma agrária o desenvolvimento sustentável para as famílias seja no âmbito ambiental, social, cultural e econômico. O envolvimento dos setores públicos Federais, Estaduais, Municipais, Movimentos Sociais, Instituições Representativas de Classe, Universidades Públicas e toda a comunidade de forma dialógica e participativa pôde contribuir com seus conhecimentos técnicos e de vivência para a transformação de toda a comunidade da agricultura familiar.

Foi possível fazer uma leitura pouco aprofundada de um dos oito PDAs obtidos, mas que serviu de introdução aos diversos modelos metodológicos adotados por cada entidade consultora de assistência técnica, levantamos a importância da pluralidade profissional das equipes de ATERs, contanto que haja coerência metodológica, entre o corpo técnico, e dele com os assentados diretamente envolvidos com o resultado da empreitada. É exatamente essa unidade da metodologia de acercamento das experiências com o conceito da Agroecologia, que nos permitiu compreender que o conhecimento que ela aporta não seja entendido como imposição externa ou como meras ideias incapazes de se inserir nas práticas sociais, mas produzindo de maneira participativa conhecimentos pertinentes afim de contribuir para a emergência de forças materiais transformadoras.(GOMES de ALMEIDA, 2009).

Considerações finais

Nos reconhecendo como educandos-educadores defendemos que as novas formas de produção de conhecimento em meio acadêmicos, em tempos de revisão e transição paradigmática, remetem à agroecologia como sendo a ciência contra-hegemônica, resultado da articulação de saberes popular, da experiência de vida e de pesquisas acadêmicas (OLIVEIRA, 2011). Com esses princípios esperamos superar a velho sarampo do extensionista, levando o conhecimento aos que não possuem, conseguindo transpor à educação bancária e propiciando a independência dos agricultores aos “pacotes” tecnológicos.

“É essa medida que os conhecimentos científicos da Agroecologia deixam de ser percebidos como expressão de verdades universais inquestionáveis forjadas nos centros de pesquisa para serem incorporados como insumos para inovação local. Da mesma forma que não há conceito sem método que o objetivo, não há método sem um conceito que lhe dê sentido” (GOMES de ALMEIDA, 2009). Nas últimas semanas nossa turma vem se dedicando na elaboração da construção do Fórum Estadual de Educação do Campo no Rio de Janeiro. O Que vem rendendo uma série de reuniões preparatórias gerando expectativas de aprendizado de outras realidades estaduais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Carolina de C. R.; **POLIDORO**, Ínes Fátima. - A TRAJETÓRIA DO COLETIVO EDUCAMPO POR UMA POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NOS CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2009

AGB, II CADERNO DE TEXTOS DO GT AGRÁRIA, AGB Rio, Julho de 2012

FREIRE, Paulo. EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO? Col. O Mundo, Hoje, v. 24, 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOMES de ALMEIDA, Silvio – “Construção e desafio do campo agroecológico brasileiro”, in: AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO/ Paulo Petersen (org.) – Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p- 67-83.

IANNI, Octavio - "O Estado e o trabalhador rural", in: ORIGENS AGRÁRIAS DO ESTADO BRASILEIRO, São Paulo: Brasiliense, 2004. p- 221-240.

MONTEIRO, Denis – “Agroecossistema”, in: DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, Caldart, Roseli Salete (org.). – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p- 67-73.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira; **LOPES**, Clarindo Aldo – “Alternância e agroecologia: estratégias de formação do campo com jovens dos movimentos sociais”, in: CADERNO DE DISCUSSÃO: JUVENTUDE, EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA/ Andréia Cristina...[et al.] Lia Maria Teixeira de Oliveira (org) – Rio de Janeiro: Outras Letras, 2011. p- 25-41.

PETERSEN, Paulo – “A construção de uma Ciência a serviço do campesinato”, in: AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO/ Paulo Petersen (org.) – Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p- 85-103.

TRAGTENBERG, Maurício, SOBRE EDUCAÇÃO, POLÍTICA E SINDICALISMO. Coleção Mauricio Tragtenberg; v.1, São Paulo: editora UNESP, 2004.

LISTA DE FIGURAS

FIG-01 LEC-CG - cartilhas e camisa do seminário

FIG-02 LEC-CG - Mudanças de nome para o Fórum Estadual de Educação do Campo – RJ

FIG-03 LEC-CG - Sementes Crioulas

FIG-04 LEC-CG - Vivência com o Agricultor Agroecológico Paulo Poeta MST-CPT-minhocário